



## Entrevista de Daniele Amado e Martina Spohr

Concedida a:

**Marcelle Lopes de Souza**

Doutorado em História, Política e Bens Culturais (2023 – Atual) pela Fundação Getúlio Vargas, <https://orcid.org/0009-0009-8677-8481>, marcellelopes.hist@gmail.com

**Talita Ribeiro da Silva**

Mestrado em História, Política e Bens Culturais pela (2023 – Atual) Fundação Getúlio Vargas, <https://orcid.org/0009-0006-1153-7825>, talitaribeiro.ri@gmail.com

Realizada em: 15/08/2023

DOI: 10.12660/rm.v15n24.2023.90322



**Daniele Chaves Amado, coordenadora do projeto Difusão e Educação Patrimonial do CPDOC/FGV**



**Martina Spohr Gonçalves, coordenadora do projeto Difusão e Educação Patrimonial do CPDOC/FGV**

### Breve bibliografia

Daniele Amado é Doutora em História pela UNIRIO, Mestre em História pela UFF (2012), especialista em História Contemporânea pela UFF (2006) e graduada em História pela Universidade Gama Filho (2001). Professora Permanente do PPHPBC da FGV. Analista de Documentação e Informação na Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC. Membro do Conselho Estadual de Arquivos (CONEARQ) e coordena o projeto de extensão "Café com arquivo: o documento em debate", fruto da parceria entre o Departamento de Arquivologia da UNIRIO e a coordenação de Documentação da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC.

Martina Spohr é Doutora em História Social pela UFRJ (2016), Mestre em História pela UFF (2010), especialista em Planejamento, Organização e Direção de Arquivos pelo Arquivo Nacional/Universidade Federal Fluminense (2007) e graduada em História pela UFRJ (2006). Atualmente é Professora Adjunta, Editora-chefe da Revista Estudos Históricos e coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Estado, Poder e Sociedade (LAEPS) da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC.

Neste ano de 2023, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) está completando 50 anos de dedicação à elaboração, preservação e disponibilização de arquivos históricos. Decidimos celebrar esse momento apresentando o trabalho desenvolvido no projeto de pesquisa aplicada “Difusão e Educação Patrimonial”, da instituição em nosso Dossiê “Educação e Mídias: novos olhares das Ciências Humanas e Sociais”. A proposta desta edição é abordar estudos que explorem a interface entre mídias e educação, assim, não poderíamos deixar de fora a entrevista que realizamos com as coordenadoras desse projeto e também professoras da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Daniele Amado e Martina Spohr.

Junto a uma equipe formada por alunos bolsistas da FGV, que atuam em todo o processo educacional de montagem das atividades lúdicas e execução das mediações, as nossas entrevistadas se dedicam às atividades que dão vida à Casa Acervo. Localizada no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, o imóvel é responsável por armazenar o acervo histórico da FGV. O espaço, que não se dedica apenas à preservação e à pesquisa, dispõe de dois andares na parte frontal: o primeiro, onde se concentram atividades de consulta presencial e atividades didáticas voltadas para escolas das redes pública e privada em uma sala educativa; e o andar superior, onde encontram-se as equipes de higienização e organização dos arquivos ainda não abertos à consulta. Na parte posterior da Casa também existe um anexo de quatro andares com equipamentos de prevenção contra sinistros para a segurança e preservação dos documentos históricos.

Ayra Garrido (doutoranda em História/FGV), Maria Julia Atty (graduada em Ciências Sociais/FGV) e Paulo Henrique da Silva (graduando em Ciências Sociais/FGV), são os responsáveis por receberem os grupos visitantes e conduzi-los durante toda a interação na sala educativa. As dinâmicas se iniciam com questionamento sobre o que seria um documento, suas diferentes tipologias e se existe um tipo de documento que seria melhor do que o outro. A todo momento os estudantes visitantes são instigados a pensarem como são os arquivos físicos, quais equipamentos são utilizados pelos arquivistas e se eles conseguem decifrar se um documento é uma cópia ou o original.

Em um segundo momento se iniciam as atividades lúdicas. Primeiro, os estudantes participam de um jogo de tabuleiro onde são divididos em dois grupos representando partidos políticos fictícios. Em seguida, acontece um jogo de verdadeiro ou falso, onde são feitas perguntas sobre o acervo que devem ser respondidas com placas nas cores verde ou vermelho. A sala também conta com um espaço interativo com fones de ouvido transmitindo propagandas políticas da época do rádio e telas *touch screen* com alguns *quiz* que eram disputados pelos estudantes eufóricos querendo utilizar.

Após essa visita, conseguimos compreender como funciona na prática essa interação entre a educação patrimonial e a difusão midiática. Graças ao convite das professoras, além de conhecermos o espaço, também pudemos visualizar o resultado dos desdobramentos desse projeto, que conheceremos melhor agora na entrevista.

**Revista Mosaico (RM):** Quando vocês começaram a fazer parte desse projeto? Vocês estavam lá desde o primeiro momento? E como a trajetória acadêmica de vocês vai de encontro ao Projeto de Difusão e Educação Patrimonial?

**Daniele Amado (DA):** Eu trabalho com Martina há muitos anos no CPDOC, são quase duas décadas. E sempre trabalhei no programa de arquivos pessoais. Eu sou historiadora. Tenho graduação, mestrado, doutorado em História, e trabalhei desde a iniciação científica com arquivos. Então, eu acho que o projeto tem um pouco a ver com isso. Esse atravessamento entre a formação acadêmica e a trajetória profissional.

No projeto de educação patrimonial, eu e Martina estamos desde o início, porque nós duas o desenvolvemos. Nós não só coordenamos, como também participamos da concepção do projeto. O início se deu em 2013 com as oficinas de uso de fonte em sala de aula. A Martina me convidou para participar dessa oficina junto com ela, onde os alunos da disciplina “Acervos e informação” eram os monitores. Depois disso, nós realizamos mais algumas oficinas, inclusive fiz uma oficina fora do Rio. À época nós não tínhamos essa possibilidade de fazer nada online, quer dizer, até tínhamos, mas era pouco usual. Uma das últimas que a gente fez presencial foi em Curitiba, com professores do Instituto Federal do Paraná que nos convidaram.

E a partir disso, e de todos os esforços que foram feitos no CPDOC, mais especificamente no programa de arquivos pessoais, para dar acesso *on-line* ao

acervo, os projetos de digitalização e mais a construção da Casa Acervo — que permite que a gente tenha esse espaço, que é onde temos uma sala educativa, que é onde a gente está recebendo as visitas hoje —, tudo isso está vinculado de certa forma. A parte educativa está vinculada com as atividades que são realizadas no programa de arquivos pessoais. O projeto vem muito disso. Em 2016, a Casa Acervo é aberta ao público e no mesmo ano a gente submete o projeto Difusão e Educação Patrimonial do Acervo Histórico do CPDOC. Ele é submetido para a Rede de Pesquisa e Conhecimento Aplicado da FGV (RPCAP). A gente submeteu o projeto para ser financiado e em 2017 eles liberaram os recursos.



**Figura 1 – Fachada da Casa Acervo.**  
Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

**Martina Spohr (MS):** Começando pela minha trajetória, assim como a Dani, eu sou historiadora raiz de formação, então, graduação, mestrado, doutorado em história. Entrei no CPDOC como estagiária em 2004, então somos contemporâneas de trabalho do CPDOC, já direto no tratamento de acervos de arquivos pessoais. Trabalho na coordenação de documentação desde 2004 como estagiária e depois em 2007 virei funcionária de fato da FGV como analista de formação e documentação. Em 2016 foi o ano que eu terminei o doutorado, em 2017 eu passei a ser professora

adjunta do CPDOC. Professora da pós e professora da graduação. Mas já dava aula, como a Dani falou, desde 2013.

Começamos a ter muito interesse nessa época. Em 2016, eu era coordenadora da Documentação e a Dani era coordenadora do Programa de Arquivos Pessoais. Então, a gente também tinha uma dobradinha na gestão da Casa Acervo naquele momento. A gente coordenou toda a mudança para a Casa Acervo em 2016.

E aí, o acompanhamento da criação da própria Casa Acervo, da obra, acompanhamento de pensar aquele espaço, como é que ele ia ficar formatado, fez com que a gente tivesse a ideia de, a partir daquele momento, onde a gente tinha uma casa fora desse prédio mais formal da fundação, porque a gente ficava pensando sempre: “Como é que a gente vai levar a escola? Qual vai ser o atrativo que vai ter para um grupo de crianças e adolescentes no prédio?”. Enfim, tem toda uma questão de integração muito dificultada. Ao mesmo tempo em que a gente inaugura a casa, a gente faz esse projeto, a gente cria. Então, a gente de fato gestou ao longo de mais ou menos uns três anos. A partir das oficinas a ideia do projeto foi amadurecendo.

A casa não tinha uma sala educativa, isso foi uma reforma posterior que foi financiada pelo projeto do RPCAP. Era uma sala de aula regular e a gente pensava naquele espaço para receber crianças e adolescentes numa perspectiva de ampliar o nosso público. Então, um dos principais motores do nosso projeto é a diversificação e ampliação do público do acervo do CPDOC. Porque a gente sempre teve o público cativo de pesquisadores, nas suas pós-graduações e pesquisadores de graduação. Eventualmente, a gente tinha um ou outro aluno de escola que algum professor estimulava para vir na sala de consultas pesquisar, mas não era sistematicamente um público que tinha acesso ao conteúdo do nosso acervo. Então, a diversificação do público é um dos principais esteios do projeto. E agora a gente já consegue atingir um público muito mais amplo do que há alguns anos atrás a gente atingia.



**Figura 2 e 3 – Sala educacional da Casa Acervo.**

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

**RM:** Vocês falaram que a sala educativa foi feita depois. Como vocês elaboraram essas propostas? Vocês levaram em consideração opiniões pedagógicas de fora da FGV ou foi construído a partir de vocês mesmas?

**DA:** A princípio, o que a gente pensou tem diretamente a ver com o contato que nós tivemos com os professores nas oficinas, porque as oficinas fizeram com que a gente se aproximasse de muitos profissionais da educação que estavam na sala de aula e tinham uma série de questões em relação a usar o acervo. Desde como eles poderiam usar até a questão que parece ser simples, mas não é tão simples, [de] como funciona o acesso ao arquivo, como que eles vão chegar e pegar um documento, fazer uma reprodução, utilizar e tudo mais.

Então, desde uma questão prática de como eles conseguem pegar um documento do CPDOC, até o acesso a uma reprodução para poder levar para a sala. Porque a gente estava pensando na parte didática, de falar e fazer uma discussão "ah vamos fazer uma discussão, como é que você usa didaticamente e estimula o uso crítico de um documento em sala de aula?" Só que quando começamos a conversar com eles, nós percebemos que tinham outras questões de ordem prática que pareciam óbvias para a gente e não eram.

O primeiro contato com profissionais da educação para pensar o projeto veio através das próprias oficinas. Como Martina disse, estávamos no cargo de gestão: Martina como coordenadora da Documentação; eu como coordenadora do Programa de Arquivos Pessoais; e a gente achava que era muito simples entrar no site do CPDOC, localizar um documento e usar. E a coisa não era tão simples e tão óbvia como parecia.

O projeto, conta com outros profissionais além de nós duas. De 2017 para cá vários profissionais fizeram parte de sua composição. Desde especialistas com formação em história, ciências sociais, da área de educação, quanto outros profissionais, também da área de ciências sociais, que iam trazendo outras questões para além de questões pedagógicas, formando assim uma equipe multidisciplinar que já teve vários formatos. Hoje a gente tem uma aluna que é egressa do curso de ciências sociais que faz parte da equipe, um bolsista PIBIC que é do curso de Ciências Sociais do CPDOC, e uma aluna que é colega de vocês do doutorado, a Ayra, que tem a formação em Ciências Sociais, mas também está fazendo licenciatura em História em paralelo.



Figura 3 – Ayra Garrido, Paulo Henrique da Silva e Maria Julia Atty, alunos bolsistas da Casa Acervo.

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Traduzindo um pouco desse diálogo com a equipe, na inauguração do espaço, a exposição virtual que produzimos sobre Getúlio Vargas

<sup>1</sup> foi escolhida por ter sido o primeiro arquivo que o CPDOC recebeu. Depois disso, começamos a expandir a ideia pensando em algo voltado para o público escolar. Ou seja, nesse primeiro momento, a exposição virtual é pensada para que professores e estudantes possam usar. Na ocasião, pensamos em colocar esse conjunto de documentos que vai falar sobre a trajetória política do Vargas e sobre propaganda política, de uma forma acessível para todo mundo. Então temos, por exemplo, vídeos que no acervo a pessoa só consegue consultar se ela for à sala de consulta presencial. Além dos vídeos, alguns áudios só estão acessíveis se o público vier à sala de consulta presencial pelo *Sound Cloud*.

A ideia da curadoria da exposição era mostrar um pouco para os alunos como Vargas conseguiu construir essa imagem através da propaganda. Essa imagem que muitas pessoas continuam reproduzindo ainda hoje, de que apesar de ditador, ele foi o cara das leis trabalhistas, o pai dos pobres. Nós tentamos, com a exposição, colocar os documentos do acervo do Vargas de uma forma que dê para que esses estudantes e os professores reflitam sobre o quanto essa propaganda política influencia e influenciou nessa construção da imagem do Vargas. Então, tentando também fazer um pouco esse debate de uso crítico dos documentos, de se pensar um pouco para além do que você está vendo ali.

Dentro dessa exposição, pela primeira vez as atividades educativas, como a realização de jogos, foram introduzidas. Tudo sempre pensado para que os professores possam usar sem nenhuma dificuldade. O que é textual, eles podem baixar e usar sem qualquer dificuldade. Além da palavra-cruzada, a gente tem um jogo que foi desenvolvido pela equipe do projeto, que se chama “Desafio Vargas”. São cartas no estilo de jogo “Perfil”<sup>2</sup>. O professor pode baixar e usar em sala de aula, se ele quiser. Usamos isso também na sala de educação patrimonial. Não sempre, mas

---

<sup>1</sup> Getúlio Dornelles Vargas (1882 - 1954) foi um militar, advogado e político brasileiro. Vargas tem sua trajetória marcada por ter sido o líder da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, e ter permanecido na presidência do Brasil durante quinze anos.

<sup>2</sup> Perfil é um jogo de tabuleiro de sorte e conhecimentos gerais que pode ser jogado por no mínimo 2 e até 6 jogadores. No jogo existem categorias de pessoas (biografias), lugares (qualquer lugar), ano e coisa. Dentre as centenas de cartas, cada uma se refere a algumas das categorias descritas e vinte dicas que indicam do que se trata.

para algumas turmas que já tem conhecimento desse período dos governos do Getúlio.

**MS:** A gente também fez uma cartilha política. A exposição foi o primeiro produto em 2018. Em tese, em 2019, 2020, a gente teria o início das visitas (o que não ocorreu por conta da pandemia), e o que a gente teve foi a sala pronta. Então essa reforma da sala educativa e todo o conteúdo colocado nela faz parte do segundo produto do projeto. E o último produto que foi lançado esse ano é um *game*, um jogo de aplicativo que você baixa gratuitamente chamado “Casa Acervo”.

E tudo isso pensando nessa chave de promover uma ampliação não só do público, mas atuar como facilitador de ensino aprendizagem, didaticamente falando, para alunos e professores de ensino médio e fundamental. Esse é o nosso público do projeto. Então a nossa ideia é incluir dessa forma. Tanto que a exposição virtual tem uma linguagem palatável. Não é como ler o diário do Vargas cru. A gente tem algumas mediações na exposição virtual que fazem com que isso fique mais fácil de entender para certos públicos. Passando pela Casa, pela reforma da Casa e todo o material que a gente tem para fazer as visitas, e também no *game* que a gente desenvolveu, que também é um jogo voltado para esse público. Tudo isso foi pensado didaticamente a partir da nossa experiência como gestores e como educadoras formadas em História. A gente não teve uma consultoria de uma pessoa de educação ou algo nesse sentido. A gente desenvolveu tudo pesquisando, fazendo algumas visitas técnicas. A gente conheceu várias outras instituições com iniciativas de educação patrimonial. São pouquíssimas as instituições de arquivo que têm esse tipo de iniciativa. A gente tentou trocar, se aproximar. Então essa é uma das formas como a gente desenvolveu, através de muita pesquisa, através de muita tentativa, adaptação e adequação também dos materiais. Isso é uma coisa que está o tempo inteiro em construção.

**DA:** Sim, é porque esse projeto é um projeto de pesquisa aplicada. Sendo pesquisa aplicada, ele precisa ter o que se chama de produtos. Produtos que têm algum impacto na sociedade. Por isso a sala foi pensada também para receber as visitas escolares. As atividades estavam em processo de desenvolvimento quando veio a pandemia. Então, nesse período que nós ficamos fechados também foi um período de olhar muito para as outras instituições.

E durante o período da pandemia conseguimos realizar o que chamamos de visitas virtuais, que eram, na realidade, aulas temáticas em que os professores poderiam escolher as suas temáticas e realizar as atividades de casa. Por isso, o que foi feito no *on-line* não tem necessariamente relação com o que foi feito para o presencial. Mas nessas visitas também conseguimos aprender muita coisa de como poderíamos interagir com esses alunos que não conheciam nada sobre arquivos pessoais e sobre instituições de arquivo. Tudo o que fomos fazendo no remoto, serviu depois para incluímos no que já estava desenhado para a sala.

Nessas visitas a gente percebeu que tinha momentos que os alunos não interagiam, então a gente precisava criar dinâmicas. Como Martina já falou, a gente não tinha uma equipe, uma consultoria de educação, mas nós somos formadas em História. Eu dei muitos anos a disciplina de Didática e Prática de Ensino de História, então a gente está dentro do universo. Fora isso, estudo também sobre essa relação entre escola e arquivos. Porque os arquivos eles têm, como a Heloísa Bellotto<sup>3</sup> diz, uma função social. Eles têm uma função educativa que muitas vezes não é explorada por esses profissionais. Então a gente trabalha dentro dessa chave, juntando a função social e educativa do arquivo com os nossos conhecimentos. Tanto do acervo quanto de conhecimentos acadêmicos, e estudos sobre esse tipo de ensino e de uso do arquivo para se aproximar do público escolar.

Isso foi muito bom, porque quando conseguimos de fato, no ano passado, começar as visitas presenciais, no início, achamos que muitas coisas funcionariam e começamos a perceber que não estavam funcionando. Ficar falando sobre um documento específico, sobre um personagem, sobre um período histórico, não era algo que funcionava para o público escolar que estava vindo de uma pandemia, que estava cansado, que tinha perdido muito conteúdo, além de pessoas com muita dificuldade de leitura no Ensino Fundamental II. E aí, no acompanhamento dessas visitas, eu comecei a perceber uma série de questões passíveis de adaptações.

---

<sup>3</sup> Heloísa Liberalli Bellotto (1935 - 2023), foi uma professora universitária brasileira referência na área da arquivística. Licenciada e doutora em História pela Universidade de São Paulo, era bacharel em Biblioteconomia, especialista em Arquivística pela *Escuela de Documentalistas*, na Espanha, e professora da Universidade de São Paulo (USP).

**RM:** Vou aproveitar para te fazer uma pergunta sobre como é essa rotina no trabalho do acervo. Porque tem essas duas propostas, né? Tem a conservação e tem também esse diálogo com o público.

**DA:** É dividido. Ao mesmo tempo que eu estou trabalhando coordenando a organização do arquivo da Alba Zaluar<sup>4</sup> e dando aulas, temos os dias certos das visitas. Então, por exemplo, no meu caso e no caso da Martina, no dia que temos as visitas — geralmente às segundas, quartas e sextas, em um dos períodos; segunda, quarta de manhã e sexta à tarde — ficamos ali disponíveis para esse contato com o público escolar. E sempre se faz uma reunião depois com a equipe para falar sobre aquela visita, porque criamos relatórios qualitativos. Então é uma rotina de extrema organização e trabalhar com arquivo e com organização de arquivo ajuda muito nisso. Nos dias em que eu não estou na sala com os alunos, a Martina vai. Vamos nos revezando. E nos momentos em que a gente não está trabalhando nas visitas, a gente está fazendo essa parte de organização e gestão do acervo. Tem dias que a gente está voltada para o projeto e tem dias que a gente está voltada para outras atividades, incluindo as atividades de organização de acervo, de gestão.

**MS:** É crucial também a equipe que a gente tem. A gente coordena. Mas dentro da dinâmica das visitas a gente tem a presença da nossa equipe do projeto que atua nas visitas também. Então tem, como a Dani falou, a Ayra e a Maria Júlia, que trabalham interagindo diretamente com os alunos. E o Paulo, que é o nosso bolsista. E a gente fica mais na atividade de coordenação mesmo, olhando, fazendo o gerenciamento. Por que como é que funciona uma visita? A gente lança uma chamada e aí os professores se inscrevem através de um formulário e a Ayra faz a gestão de agendamento. E a gente define os dias e horários que a gente tem disponíveis entre nós para poder agendar.

A maior parte das escolas têm vindo desde o início são escolas públicas, porque a gente subsidia o transporte. Esse é um desafio para a gente para depois, porque esse projeto tem um prazo de finalização, não de finalização do projeto, mas

---

<sup>4</sup> Alba Maria Zaluar (1942 - 2019) foi uma antropóloga brasileira, com atuação na área de antropologia urbana e antropologia da violência. Era professora titular de Antropologia do Instituto de Medicina Social e professora de antropologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

de finalização do financiamento do projeto. Então esse é um desafio. A gente está tentando outros editais para complementar ele. Mas agora a realidade é que a gente tem dinheiro para pagar o transporte dessas escolas para vim para cá. Então a gente agenda o transporte, acompanha a vinda dos professores, a chegada dos alunos na rua, enfim, é toda uma logística que vocês vão observar que demanda muita atenção. A gente tá tratando de um público infanto juvenil. Mais juvenil do que infanto, mas infanto juvenil. E que enfim, dependendo da visita, pode ser uma grande loucura ou pode ser uma grande tranquilidade. Cada visita tem uma peculiaridade, é relativa, e a gente se divide dessa forma.

Mas a gente continua tendo as demandas da sala. A Casa Acervo funciona normalmente nos dias de visita, só a sala de consulta que abre na quarta-feira. Hoje em dia a sala de consulta funciona mediante agendamento. A parte de tratamento de arquivo é uma outra sala e os alunos não vão diretamente lá. Então, as estagiárias, todo mundo que trabalha na organização e tratamento dos acervos, dentro da Casa Acervo, continua trabalhando. Os alunos não têm acesso ao prédio ou qualquer área de acervo sem acompanhamento. Nenhum aluno e nenhum professor anda pela casa sem estar acompanhado de alguém da nossa equipe, justamente pra gente pensar na questão da segurança do acervo. Que é uma preocupação nossa desde o início.

**RM:** Tem uma questão que me parece que o projeto ainda é um pouco distante de nós, alunos que estamos na Pós-graduação. Existe alguma ideia de incorporar os alunos da graduação e da Pós, ou de trazer alguma exposição física para dentro da FGV, para incorporar mais o trabalho de vocês com os alunos fora da Casa Acervo?

**DA:** Esse ano eu dei uma disciplina na graduação de metodologia qualitativa e a disciplina foi toda prática com base no projeto de educação patrimonial no seguinte sentido, primeiro a gente teve um bloco de debate mais teórico-metodológico sobre análise qualitativa, coleta de dados, e em seguida sobre educação patrimonial e educação patrimonial em arquivos. Depois começamos a fazer uma série de visitas presenciais em muitas instituições para começar a pensar sobre isso. Os alunos da graduação também participaram, acompanhando, como se fossem pesquisadores do projeto, uma visita do projeto. Então a gente faz ações de incluir os alunos.

**MS:** A gente já teve participação de alunos da pós-graduação no projeto. Todo ano abre uma chamada de capacitação técnica. Normalmente abre o dicionário histórico biográfico para o próprio acervo do CPDOC, para o núcleo de audiovisual e para o nosso projeto. Esse ano a gente não abriu, mas a gente normalmente abre. A Bruna, que foi aluna do mestrado, trabalhou com a gente fazendo um roteiro para o Escola no Acervo Virtual.

**DA:** E é um roteiro que a gente usa hoje nas visitas, não ele na íntegra, mas a gente usa uma parte dele.

**MS:** E eu já dei duas vezes a disciplina Acervo e Memória na Pós, ano passado e 2021, onde duas ou três aulas eram sobre o projeto de educação patrimonial. Eles acompanharam visitas de escola, no Escola no Acervo Virtual, fizemos uma simulação com os alunos. A gente tenta às vezes fazer várias ações do projeto nas turmas de Pós-graduação e de graduação, infelizmente, muitas vezes não tem uma resposta. Se o pessoal da Pós tem interesse no projeto, demandem. A gente pode fazer apresentações, a gente pode fazer simulações, a gente pode pensar em projetos concomitantes. Agora, a graduação realmente tem uma integração um pouco mais direta. O Paulo, que é o nosso bolsista, é aluno da graduação. A maior parte dos nossos bolsistas, na documentação como um todo, são.

**DA:** No projeto já passaram eu acho que uns 6 ou 7 alunos da graduação. A própria Maju, Maria Júlia, que está no projeto, ela era estagiária, era aluna da graduação e agora ela está como pesquisadora do projeto. Então a gente tenta sempre incluir os alunos. É isso que Martina falou, nem sempre os alunos têm interesse. No projeto de educação patrimonial para estágio, as pessoas até tem bastante interesse. Agora, quando a gente abriu para Pós, teve um ano que não teve candidato.

**RM:** Vocês chegaram a comentar que antes de lançar o projeto já tinham produtos planejados. Existem mais produtos que estão planejados e vocês pretendem lançar?

**DA:** No projeto não tem mais nenhum planejado nesse exato momento, mas a gente tem produto que foi desenvolvido e ainda não foi lançado e não estava no escopo do projeto, que é o livro em quadrinhos falando da Casa Acervo. Porque o “Escola no

Acervo” acabou caindo muito para essa dinâmica de falar sobre preservação de acervo, o que é um arquivo, o que é arquivo pessoal... A gente percebeu que os estudantes não conhecem esse universo.

E quando a gente fala de arquivo, a gente está falando em patrimônio documental e por isso a gente também trabalha na perspectiva da educação patrimonial. Um arquivo também é um patrimônio. Um arquivo histórico, que é um arquivo permanente, ele também é um patrimônio documental. A gente tem muitas coisas pensadas em termos de produtos. Não só eu e Martina, mas toda a equipe. A equipe propõe muitas coisas, a gente está pensando em muitos jogos, e tem muita ideia sendo apresentada, mas não temos recurso financeiro para executar.

Acho que uma coisa que a gente tem pensado em fazer, que posso compartilhar é fazer um movimento de nós irmos às escolas. É algo que a gente também tem vontade. De fazer o “Acervo na Escola”. De repente, um movimento inverso da “Escola no Acervo”, mas ainda não temos uma definição de como isso funcionaria. E como nós ainda temos recurso esse ano para o transporte, estamos aproveitando ao máximo essas visitas para aprender muita coisa. Esse contato direto com as escolas é uma das coisas mais interessantes das visitas. Muitas vezes a gente incorpora algo que aprendeu com os estudantes. A gente muda alguma coisa, alguma dinâmica, justamente porque estamos ali naquele diálogo e conseguimos absorver o que vem do público escolar também. Então isso é bem legal.

**RM:** Quando foi pensado o *game* da Casa Acervo, ele já foi pensado para sair junto com a data comemorativa do CPDOC dos 50 anos, ou foi algo que acabou acontecendo? E como foi até ter o produto pronto, como está agora, disponível para *download*?

**MS:** Os 50 anos foi totalmente por acaso. É como a gente falou antes. A pandemia impactou o projeto. A gente teve algumas questões relacionadas à produção de vários produtos. E a gente demorou um pouco mais do que a gente gostaria para lançar o último produto, que é o *game*. A ideia do jogo foi toda pensada pela nossa equipe em conjunto com uma empresa que a gente contratou, que sabe desenvolver *games*, porque a gente não sabe desenvolver *games*, aplicativo e toda parte gráfica e de jogabilidade.

A ideia era que a gente fizesse algo que promovesse uma conversa com o arquivo. E aí foi evoluindo pro modelo final. Mas desde o início, a concepção do projeto do *game* também é da nossa equipe. Eu acho que não é só minha e da Dani, mas é da nossa equipe que trabalhou no projeto, que trabalha atualmente no projeto. Toda essa parte de pesquisa para o jogo, definição das missões, documentação que está dentro do jogo, isso tudo foi feito pela nossa equipe do projeto ao mesmo tempo que a gente estava montando as visitas presenciais.

A parte técnica mesmo de execução, jogabilidade, etc., foi feito por essa empresa, mas sempre em conjunto com a gente. Tudo foi feito dentro do escopo do projeto, por mim, pela Dani, pela nossa equipe. A gente fez algumas pesquisas, que tipo de jogo existe? Enfim, a própria empresa trouxe um monte de opções pra gente. E aos poucos a gente foi chegando no formato.

**DA:** A empresa trouxe muita coisa para a gente. Algumas coisas não faziam o menor sentido, então foi um vaivém muito longo. Ter saído no CPDOC 50 anos foi, no fim das contas, uma grata surpresa. Porque não foi programado, mas foi ótimo ter saído nesse ano festivo para nós.

A parte de concepção do *game* foi um processo muito longo. A gente foi experimentando várias coisas. A empresa mandava formatos, a gente às vezes não gostava. E ficamos em um diálogo muito grande entre a linguagem da História, a linguagem do arquivo, e a linguagem de gamificação. Lembrando que não é qualquer gamificação. A gamificação analógica não é igual uma gamificação tecnológica. Então foi um trabalho longo e, em alguns momentos, até exaustivo para todo mundo, porque a gente precisou juntar diversos conhecimentos: conhecimento didático, conhecimento histórico, conhecimento sobre arquivo e o conhecimento tecnológico voltado para *game*.

A empresa contratada para o trabalho foi muito boa também. Eles se propuseram a conhecer a Casa Acervo, não presencial, mas um pouco de tudo o que a gente fazia lá, porque a gente debatia com eles até a roupa que a personagem - a Isa - usaria.

**MS:** Se vai ter tênis, se não vai ter tênis. Qual a cor da roupa? Foi a gente.

**DA:** É, por exemplo, ela não pode usar sapato alto. Ela vai tropeçar no trilho do armário! Isso não existe em arquivo... Tira esse sapato, esse scarpin aí, de bico fino. E parece brincadeira, mas esses debates aconteciam. Então foi um debate grande até da construção da personagem. Aquela personagem foi muito pensada por todo mundo. Desde a escolha do nome até o estilo da personagem todos da equipe opinaram um pouco.



Figura 4 e 5 – Game Casa Acervo  
Fonte: Google Play, 2023.

Foi um processo longo que envolveu isso, foi um atraso que envolveu contratação de empresa, coisas de burocracia, pandemia e essa experimentação para a gente que foi 100% nova de pensar Acervo, pensar lúdico, pensar Ensino de História. Pensar sobre várias questões, porque no *game* vocês vão encontrar questões que aparecem ali de forma sutil, tem missão que não tem resposta. A pessoa vai em algum momento ver lá que nem sempre você encontra num arquivo a informação que você precisa, você precisa procurar em outra instituição. Então pequenas questões são apresentadas ali dentro do *game* dando pistas de como funciona o trabalho de um pesquisador.

Eu acho que o desafio que a gente tem com o *game* agora é fazer com que os professores consigam, de alguma maneira, estimular os alunos a usarem. A gente tem divulgado o *game* nas visitas, muitos alunos baixam na hora através do QR Code

disponibilizado. O desafio no momento é estimular esse uso, fazer com que as pessoas conheçam, saibam da existência.

**RM:** A gente percebeu que a pandemia trouxe novas formas para trabalharmos com a mídia. Abriu um leque de novas possibilidades para a educação. E com a chegada desse aplicativo, talvez impulse um debate para que os acervos olhem mais para a educação e o desenvolvimento de novas tecnologias para trabalhar com o público. Vocês acham que o projeto desenvolvido no CPDOC pode ter esse gás para conseguir impulsionar outros acertos também?

**MS:** Eu acho que sim. Tem uma característica muito interessante, e ainda bem que a gente continua conseguindo manter isso, desde a sua fundação, nos seus 50 anos, de ser pioneiro em muitas áreas. Então a gente tem uma tradição de pioneirismo na própria elaboração da forma como se organizam arquivos pessoais, a gestão de arquivos. Somos uma instituição que durante muitos anos foi referência relacionada à questão dos acervos. Então a gente espera que esses produtos que a gente tem desenvolvido: o *game*, a exposição virtual, que isso impulse. A gente não tem como garantir que vamos virar referência nesse sentido, mas a gente sempre está debatendo com outras instituições. A gente sempre está aberto a isso.

E a nossa ideia é a popularização mesmo, porque é um aplicativo gratuito. É um aplicativo que está disponível em qualquer loja, é para qualquer tipo de telefone. Você não precisa de internet para jogar, então você pode pegar o Wi-Fi de algum lugar e baixar esse aplicativo e jogar de onde você quiser. Então a ideia é justamente popularizar. E essa questão, por exemplo, das visitas presenciais e o nosso esforço de patrocinar essas visitas através da venda do transporte, é justamente para trazer para dentro do acervo públicos que nunca saíram das suas comunidades.

A gente tem alguns relatos de visitas da região metropolitana do Rio de Janeiro, de turmas inteiras de alunos que nunca tinham saído do seu bairro. E a gente poder possibilitar essa inclusão, o acesso a um acervo, o acesso à própria cidade. Alunos que nunca tinham visto o Pão de Açúcar, que nunca tinham passado pela praia de Botafogo, e tiveram a oportunidade de poder acessar... Então essa ampliação de público tem consequências muito maiores do que inclusive a gente imaginou quando montou o projeto. Então espero que as nossas atividades relacionadas ao projeto de educação patrimonial inspirem outras instituições, principalmente instituições de

arquivo. Visita escolar existe em muitos museus, uma coisa muito da área de Museologia. É mais comum você encontrar a possibilidade de levar uma escola no museu do que dentro de um acervo. É claro que tem muitas limitações. Dependendo da realidade dos arquivos brasileiros que é, no geral, muito diferente do que a gente encontra no CPDOC, no sentido estrutural da coisa. Tem muito arquivo que está lutando para sobreviver, para ter a preservação dos seus arquivos minimamente resguardada. E aí muitas vezes não tem nem tempo de pensar nesse tipo de iniciativa de projeto.

**DA:** Pensando nisso de inspirar... Durante a pandemia, quando nós fizemos as visitas virtuais ao arquivo, foi maravilhoso pra gente. A experiência adquirida nos ajudava nas visitas técnicas com outras instituições, e era uma troca. A Fundação Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, pediu para fazer uma visita técnica para entender mais sobre como funcionava nossa visita virtual. Eles queriam desenvolver também as visitas virtuais aos seus acervos. Então a gente teve muito intercâmbio de experiência com essas instituições.

Nessas visitas técnicas os profissionais estavam querendo entender, por exemplo, por que a gente usou muito o *Kahoot!* durante as visitas escolares virtuais. A gente explicava que era uma forma que a gente tinha para interagir com os alunos. *Kahoot!* é uma ferramenta de gamificação gratuita, onde os alunos usando o celular, conseguem interagir com o *game* que a gente fez para as visitas. Cada roteiro tinha o seu *game* personalizado e aí os professores também jogavam. Essas equipes, desses arquivos que vinham fazer as visitas, jogavam, a gente os botava pra jogar. Eu acho que a gente já vem inspirando e também aprendendo com os colegas. A Fundação Fernando Henrique Cardoso também tinha uma experiência de visitas presenciais que nós não tínhamos, e eles ajudaram a gente a pensar na nossa. Então, esse diálogo com outras instituições é muito bom. A gente inspira, mas também aprende com os colegas.

**RM:** Em relação às escolas que vão à Casa Acervo, vocês poderiam compartilhar alguma experiência de interação que tenha sido marcante para uma de vocês ou para a equipe de forma geral?

**DA:** Para mim e também para a equipe, a questão da oferta do transporte se mostrou muito marcante. E foi o que a Martina falou, de permitir que as pessoas às vezes conheçam lugares diferentes da cidade. É falar um pouco sobre outras questões que estão muitas vezes vinculadas com a educação, que a gente muitas vezes não está se dando conta. Quando você disponibiliza o ônibus e você permite que o professor chegue — e isso não aconteceu uma vez, mas inúmeras vezes. O professor chega na Casa Acervo falando “eu vim igual um guia de turismo mostrando a cidade: a gente está passando agora pelo Sambódromo, a gente está passando pelo relógio da Central”. Aí todo mundo quer ver o relógio, o Sambódromo, o Palácio Guanabara, o Pão de Açúcar, a praia de Botafogo, o Fluminense. Você consegue dar não só acesso à Casa Acervo, mas você dá esse acesso à cidade. Você permite que as pessoas tenham direito de ampliar de alguma forma seus horizontes e eu acho que isso é muito impactante.

Eles chegam nessa energia de animação, conhecendo um lugar novo, querendo tirar foto de tudo, querendo tirar foto com a gente também. Tem esse momento de às vezes, no final, de ter esse reconhecimento deles nas redes sociais. A gente vê que eles postam, vê eles falando “Nós fomos muito bem recebidos! A visita foi maravilhosa!”. Têm muitos que saem falando assim: “Odiava história, saí daqui adorando. Nunca imaginei que um arquivo pudesse ser uma coisa muito legal!”. Quando eles falam isso, eu fico quase chorando. Eu falo, se eu fiz alguém, qualquer pessoa, que não conhecia um arquivo sair daqui falando para mim: “eu nunca imaginei que um arquivo pudesse ser uma coisa tão legal”. Eu penso assim: “Beleza, meu nome tá dado aqui nesse projeto”. E a equipe fica com a mesma sensação. Você fazer com que as pessoas entendam que a gente está ali preservando o patrimônio e entender que tem algum sentido naquilo.

E, por outro lado, às vezes a gente toma umas chamadas assim na realidade que eu acho importante dizer, porque não? Não gosto de ser hipócrita. Às vezes eu ouço pessoas falando assim: “eu não sei para que, tendo tantos problemas na sociedade e a gente está gastando tanto dinheiro nisso aqui, para guardar papel”. É uma possibilidade de interpretar aquilo tudo também. Eu entendo que é. E aí a gente tenta conversar e tal, mas dá para perceber que aquela pessoa que deu aquela espetadinha, não saiu muito convencida. OK, também. Porque é isso. Educação, ensino, você não vai tocar todo mundo da mesma forma. E está tudo bem. Então a gente fica assim, meio mexido. Falando, “poxa, esse aí eu não conquistei”. Às vezes

a gente não toca todo mundo, isso é normal, já está na expectativa, mas dá aquela leve frustraçozinha. A gente sempre fica na ilusão que todo mundo sair de lá muito feliz, amando tudo.

Na grande maioria das vezes ficamos felizes pela receptividade deles e dos professores, e os agradecimentos de disponibilizarmos ônibus, de estarmos ali recebendo eles muito bem. Mas às vezes também dá uma leve tristeza, porque fico pensando: “Poxa, fizemos o básico, que é receber as pessoas bem”. É o básico. O que a gente devia imaginar que acontecesse em qualquer lugar. Mas no fim é uma troca maravilhosa. Por isso que eu quero reforçar o convite que a Martina fez de visitar a Casa Acervo para vocês sentirem a dinâmica.

**RM:** Vamos, com certeza! Vamos deixar marcado para a gente fazer antes de publicar. Gente, obrigada pela entrevista.

**DA:** Eu que agradeço, gente, eu amo falar do projeto, desculpa ter falado demais.

## Referências

A Casa Acervo: Preservação e pesquisa histórica. FGV CPDOC, 2023 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/casa-acervo>. Acesso em: 15 nov. 2023

Game Casa Acervo. FGV CPDOC, 2023 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/casa-acervo/game-casa-acervo>. Acesso em: 15 nov. 2023

Casa Acervo. Google Play, 2023. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.fgv.gamecasaacervo>. Acesso em: 15 nov. 2023